

Naquele Banquete de Conjo (1856), em que Pondal “brindou”, com Aurélio Aguirre e outros estudantes, pela convivência social, e nos Jogos Florais da Crunha (1861) e no *Álbum de la Caridad* (1862), mosaico dos vates de aquele tempo, sob o padroado do “indiano” José Pascual López Cortón, cujo neto, João Vicente Biqueira López-Cortón, seguiria, como presidente das Irmandades da Fala crunhesas, o pensamento pondaliano, aprofundando com coerência no nascente nacionalismo galego. Também gozaria ao serem publicados os *Cantares Galegos* (1863), da Rosalia colega no lirismo. Foram três anos de emoções líricas e patrióticas.

Para além disto, que sentires ante acontecimentos da “Il Restauración” o induziriam a reelaborar o seu bilingue *Rumores de los Pinos* (1877) no unilingue e reivindicador *Queixumes dos Pinos* (1886)?

São fáceis de imaginar as informações que se tornariam em tema de discussão na “Cova Céltica”, aquele resto esperançado da Galeguidade emergente, com certeza não seria esse “celtismo” eivado que hoje uns quantos fantasiavam para melhor o denigrarem.



# Queixumes dos Pinhos e Outros Poemas



Eduardo Pondal